

A FORTE PRESENÇA DA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA NO MUNDO

Por Marcia Fortes

MAREPE

"Veja Meu Bem," 2007

Carrossel, lâmpadas, maçãs caramelizadas, acetato, tecido

Dimensões variáveis

Foto: Gary Weekes

Cortesia Galeria Luisa Strina, São Paulo



RIVANE NEUENSCHWANDER e CAO
GUIMARÃES
Quarta-feira de cinzas / Epilogue, 2006
DVD em alta definição
5 min 44 sec
Edição de 8



Ao falar do vigor e da qualidade da arte produzida hoje no Brasil, é indispensável observar a ressonância internacional que ela provoca atualmente. Refiro-me aqui às artes plásticas, sem desmerecer as outras artes de expressiva produção original como a música, a dança e o teatro brasileiros.

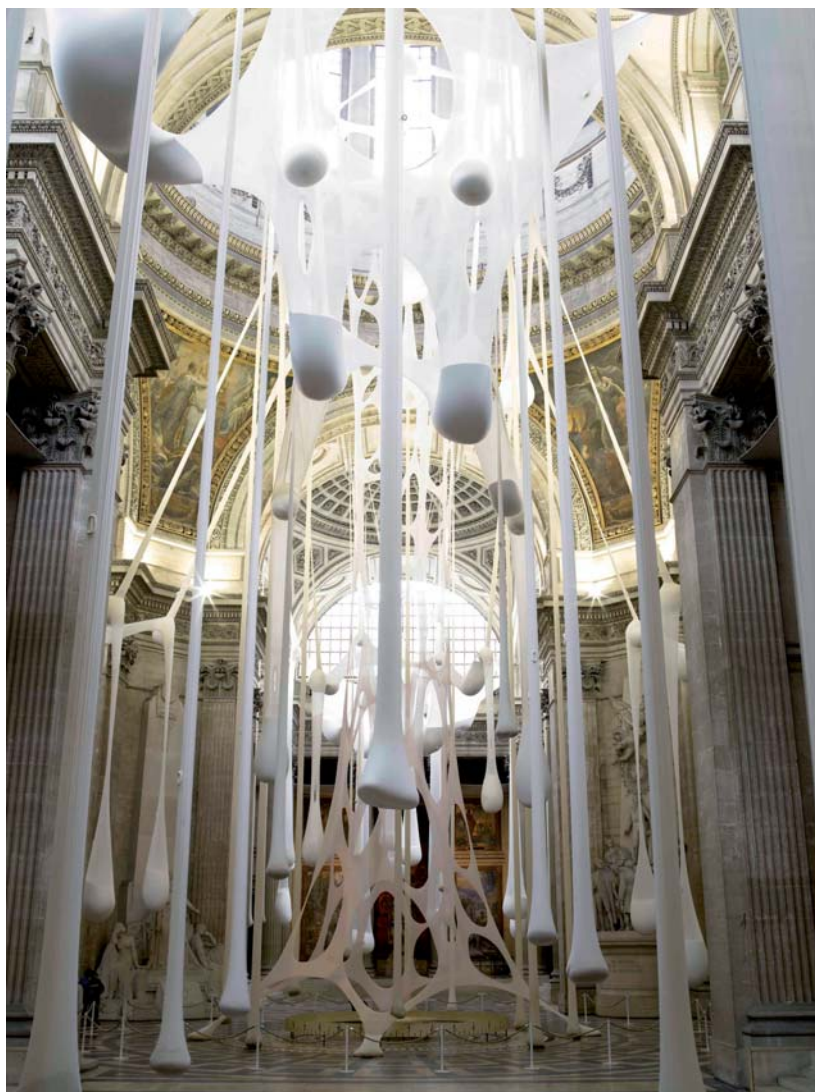
O visitante que vai hoje ao MOMA, em Nova York, se depara com obras de Hélio Oiticica e Mira Schendel. Esta artista suíça de nascimento e paulistana por opção, aliás, é homenageada com uma grande exposição no próprio MOMA, inaugurada em abril. No verão passado, a sala dedicada à pintura contemporânea exibiu uma tela de Beatriz Milhazes. Mas neste museu, o fato mais excitante está mesmo nos números: seu acervo conta com um total de 216 obras de artistas brasileiros – dentre estes, os contemporâneos Assume Vivid Astro Focus, Waltercio Caldas, Iran do Espírito Santo, Jac Leirner, Leonilson, Anna Maria Maiolino, Vik Muniz, Ernesto Neto, Rivane Neuenschwander e Thiago Rocha Pitta.

O mesmo acontece com quem costuma visitar o TATE MODERN, em Londres. O museu acaba de produzir uma fascinante retrospectiva da obra de Cildo Meirelles, que se estendeu por um andar inteiro de outubro 2008 a janeiro 2009. Ainda no ano passado, sua fachada exibiu gigantescas pinturas do street artist paulistano Nunca e da dupla Osgemeos. Na exposição da coleção permanente, um vídeo da mineira Rivane Neuenschwander e Cao Guimarães brilhava ao lado de Jeff Koons, Piero Manzoni e Joseph Beuys. Em 2007, foi a vez da retrospectiva da obra de Hélio Oiticica. Neste ano, a TATE também exibiu a obra “carrossel” do baiano Marepe e permitiu que a paulista Renata Lucas plantasse árvores numa inusitada obra-intervenção ao redor do prédio. Em 2005, as paredes do restaurante do museu no sétimo andar foram pintadas em um projeto especial de Beatriz Milhazes. Neste mesmo ano, em território expandido fora do circuito institucional, Milhazes também desenvolveu um projeto especial para as paredes da estação de metrô de Gloucester Road.

A presença da arte brasileira atual nos acervos e exposições dos mais renomados museus do mundo produziria uma lista que se estende para além do tamanho

desta matéria. Mas ainda vale citar ao menos dois fenômenos ocorridos em Paris onde, em 2006, o carioca Ernesto Neto armou gigantesca instalação no Pantheon e, em 2005, zzz \ zo pernambucano (de alma carioca) Tunga expôs no Louvre.

Nada disso acontece por acaso. Não quero soar esotérica, mas acredito na concentração de uma grande massa de energia criativa e de uma certa conspiração intelectual, em certos lugares, em certas épocas. Os escritores russos em meados do Século XIX em St Petersburg. Os impressionistas em Montmartre mais para o final do Século XIX. Como poderiam ser tantos, e tão dolorosamente bons, naquele mesmo local ao mesmo tempo? O mistério que aqui se enreda me parece análogo ao que acontece hoje nas artes plásticas do Brasil. Há muitos artistas bons, desenvolvendo trabalhos nas mais diversas frentes. Há, também, nomes consagrados e um potencial imenso em jovens artistas que se afirmam com uma produção extremamente pessoal. Ainda que muitos pontos de conexão possam ser encontrados na produção contemporânea brasileira, seus artistas se destacam individualmente pela força de seus trabalhos.



ERNESTO NETO
Leviathan Thot, 2006
Tule de elastano e bolas de isopor
Dimensões variáveis
Vista da instalação no Pantheon, Festival d'Automne, Paris
Foto: Mark Damage
Cortesia Galeria Fortes Vilaça, São Paulo

Considero essa produção atual brasileira de alta relevância para o “ethos” da arte contemporânea mundial. Ainda assim, não se pode cair no equívoco de pensar que a arte contemporânea do Brasil tornou-se o epicentro do circuito mundial. Não somos nenhuma superpotência e ainda há um estigma preconceituoso sobre a chamada “Arte Latina” (expressão que considero pejorativa, pois só consigo conceber da arte original que me circunda hoje no País como integralmente destacada deste rótulo generalista). Se ainda nos falta um reconhecimento geral, por outro lado já gozamos de uma colocação inédita nos lugares de maior visibilidade e respeito do circuito internacional.

Artistas brasileiros também têm entrada crescente no ramo das publicações, com alguns merecidos destaques: Neto foi capa da prestigiada revista suíça Parkett, enquanto Milhazes foi capa da inglesa Frieze, que dedicou a capa da edição de abril para Neuenschwander. A mostra que Vik Muniz curou no MOMA no início deste ano rendeu duas páginas inteiras no The New York Times. Já a conhecida série “Art Now” da editora alemã Taschen – o maior compêndio da arte contemporânea mundial – traz a exuberância de Milhazes na capa do Vol 2 e a irreverência de Marepe na contra-capas do Vol 4.

Para usar a boa gíria popular: “Tá bom ou quer mais?” A julgar pela forte e instigante produção atual no Brasil, me permito anunciar: Sim, queremos mais. E teremos. Aguardem!